

NOTA BREVE

## **A primeira documentação da palavra ‘crioulo’ a designar uma língua**

Jürgen Lang

University of Erlangen-Nürnberg

Na obra *Pidgins, creoles, and mixed languages. An introduction*, de Viveka Velupillai, publicada em 2015, lê-se, na p. 44:

The first known use of 'creole' to refer to a language is from a travel account by the Portuguese Francisco de Lemos Coelho in 1684 (*Description of the coast of Guinea*), where he writes about the "creoulo de Cacheu" (in present-day Guinea-Bissau; cf. Bartens 2013a: 70 citing Couto 1994: 35).

A referência a Bartens remete para o seu capítulo ‘Creole languages’, publicado em Bakker & Matras (2013: 65-158), coletânea que falta, porém, na bibliografia de Viveka Velupillai. Hildo Honório do Couto diz efetivamente, na referida página do seu livro *O crioulo português da Guiné-Bissau* (1994),

..., em 1684 Francisco de Lemos Coelho faz a primeira referência explícita a ele [a um crioulo como língua, J.L.] de que se tem notícia. Eis a passagem: Religião não têm algũa mais que hũas chinas em que fazem algũas erroneas (palavras de creoulo de Cachéu) (COELHO 1953/1684: 153)

Na reedição de 1990, pela Academia Portuguesa da História, da primeira edição das *Duas descrições seiscentistas da Guiné de Francisco de Lemos Coelho* publicada por Damião Peres em 1953, a referida passagem, que fala dos Banhuns do rio Buguendo, diz:

Religiaõ não tem algũa mais que hũas chinas em que fazem algũas erroneas (palavras de crioulo de Cacheo)

Infelizmente, parece não ter sido o próprio Lemos Coelho a usar aqui a palavra *crioulo*. Na introdução à sua edição, Damião Peres (1990 [1953]: p. xxi] tinha apontado, referindo-se à *Descrição da costa de Guiné, e situação de todos os portos e rios delle, e roteyro para se poderem navegar todos seus rios*, de 1684:

...desta não se conhece o original, e o apógrafo existente na Biblioteca Nacional expressamente patenteia, sob a forma de repetidos comentários, intervenção alheia; uma ou outra vez, factos de data posterior a 1684, embora não muito, se encontram mesmo insertos no texto.

Este é, sem dúvida, o caso da observação que se encontra inserida entre parênteses, a propósito das três aldeias portuárias Buguendo, Quinguim e Binchagor, no rio Buguendo, imediatamente antes da passagem em questão:

Os negros da terra destes tres reinos (suponho deve dizer portos) são mãos, e he necessario o branco que morar nas suas terras ser liberal senão far lhe haõ mil descortesias e molestias. Religiaõ não tem algũa ...

Muito provavelmente, o mesmo aplica-se à passagem entre parênteses, "(palavras de crioulo de Cacheo)", três linhas mais adiante. De facto, poderá ser assim com todas as passagens incluídas entre parênteses nesta edição (cf. pp. 118, 128, 148, 166, 181, 188, 190, 191, 192, 194, 199, 204, 205, 218, 220, 222, 231, 232, 235/236, 237, 237/238, 242, 249), pois, no caso de pelo menos sete outras, não há dúvidas de que se deve tratar de inserções posteriores:

Do Porto de Pirai ao porto de Cantor, que da banda do Norte chamão Sume ou Same (não se entendia do texto rigurosamente qual seja, mas inclinome a que deve dizer se Same) hà quatro legoas. [P. 130]

..., escorchando as colmeas (escorchando he o que estava no texto, suponho, ou palavra nova para mim, ou que o escriptor percebeo mal o autor quando lhe dizia o que escrevia)... [P. 141]

Adiante, tiro de hũa espingarda (muito menos e) està a igreja matris... [S. 149]

Não faltando (diz agora o texto) em seus moradores enganos e onzenas,... [S. 152]

Tinha [um tal Manoel da ilha da Ponta das ilhas Bijagós, J.L.] um filho christão, [...]. Este me pedio, tambem, levasse sacerdote a sua ilha, que elle me prometia bauptizarse e fazer bauptizar toda a gente da ilha. (Dou a este mais desculpa, sgundo o dizer do texto, do que ao asima,...) [S. 182]

Este reino confina pella banda de sima com outro reino de Biafares, / que chamaõ o reyno de Abe ou Yebe ou... (não entendo no texto a emenda que tem, que queira dizer, e por isso deixo o espasso pera, quando se souber, pollo nelle)... [S. 200/201]

..., e o outro veyo a Cacheo em tempo do capitão mor Francisco Sobre (=Sodré) Pereira,... [S. 233]

Infelizmente, Damião Peres não diz se o copista marcou de alguma forma uniforme as passagens que inseriu, nem como as marcou, no caso de o ter

feito. Ou terá sido o próprio Damião Peres, uma vez identificadas as passagens inseridas (mas como?), a pô-las entre parênteses?

Se as minhas deduções estiverem corretas, a primeira documentação da nossa palavra aplicada a uma língua contínua, por agora, a ser o crioulo espanhol do 'Manifesto antiesclavagista' dos Capuchinhos espanhóis de Bissau, de 1686 (cf. Teixeira da Mota 1974: 123, Lang 2007: 1.; Lang 2009: 1.1.2.2.).

## **Bibliografia**

- Bakker, Peter & Yaron Matras (eds.). 2013. *Contact languages. A comprehensive guide*. Boston: De Gruyter Mouton.
- Bartens, Angela. 2013. Creole languages. Em Peter Bakker & Yaron Matras (eds.), *Contact languages. A comprehensive guide*, 65-158. Boston: De Gruyter Mouton.
- Couto, Hildo Honório do. 1994. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Buske.
- Lang, Jürgen. 2007. Pg. crioulo, esp. criollo et fr. créole en tant que termes désignant des langues: les premiers témoignages de l'Ouest africain. *CREOLICA, Revue du groupe européen de recherches en langues créoles*, [http://www.creolica.net/article.php?id\\_article=63](http://www.creolica.net/article.php?id_article=63) (31 Dezembro, 2018).
- Lang, Jürgen. 2009. *Les langues des autres dans la créolisation. Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île Santiago du Cap Vert*. Tübingen: Narr.
- Peres, Damião (ed.). 1990 [1953]. *Das descrições seiscentistas da Guiné*, de Francisco de Lemos Coelho (1669/1684). Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Teixeira da Mota, Avelino. 1974. *As viagens do bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné e a cristianização dos reis de Bissau*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Velupillai, Viveka. 2015. *Pidgins, creoles, and mixed languages. An introduction*. Amsterdão: Benjamins.